

Apresentação

A Revista *Interfaces Brasil/Canadá* chega ao seu 21º fascículo (Volume 15, número 2) ingressando em uma nova e auspiciosa fase de sua já reconhecida trajetória. Saudamos a adesão do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas à estratégica parceria que viabiliza a publicação, junto com o Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e o Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Universidade de São Paulo (USP). Reiteramos um agradecimento especial ao Unilasalle pela profícua colaboração que permitiu abrigar a revista, órgão oficial da Abecan, no *site* de periódicos daquela instituição entre 2012 e 2015. A nova combinação de esforços se apresenta de forma alvissareira, já se traduzindo em resultados concretos, tais como o excelente fascículo que de momento se publica, além dos vários dossiês em cuja edição já se trabalha e que devem vir a lume nos próximos números.

Agradecemos à senhora Patrícia de Borba Pereira e à bolsista Mariana Espíndola Vieira, do Portal de Periódicos da UFPel, por terem iniciado o processo de migração da revista; ao Prof. Gunter Axt, pela coordenação-geral da complexa e absorvente empreitada e por ter executado no novo *website* a configuração da revista em espanhol, inglês e francês; ao acadêmico Thelmon Becker Deken e aos técnicos administrativos Michelle Odete dos Santos e Felipe Bortoletti Sartori, por terem colaborado na conclusão da trabalhosa tarefa de migração dos fascículos da revista, bem como por terem assumido a postagem do número 2, volume 15 no novo *site*; aos professores Maria Cecília de Lorea Leite e Fábio Vergara Cerqueira e ao acadêmico Guilherme Stefan, todos da UFPel, pelo apoio decisivo ao longo desse processo. Além disso, gostaríamos de uma vez mais agradecer à equipe da Editora da UDESC, coordenada por Marc

Bogo, com o concurso dos bolsistas Manuela Luz e Luís Felipe Silva, que editorou o presente fascículo. Agradecemos a Elizabeth Castillo Fornés e a Oriane Guy pela revisão em português, em espanhol e em francês, e especialmente a Elizabeth Fornés, que ajudou o editor-chefe com a padronização geral e a revisão final dos arquivos editorados. Finalmente, agradecemos ao *International Council for Canadian Studies* (ICCS) pelo apoio institucional e financeiro, o qual, embora modesto diante das enormes necessidades da revista, foi providencial, particularmente para que pudéssemos executar com qualidade a revisão do período e concluir em tempo a sua transposição para o novo portal.

A preciosa colaboração de toda a equipe de envolvidos no processo editorial foi fundamental para que conseguíssemos manter a regularidade da publicação e sua tradicional qualidade em um período tão delicado de transição, durante o qual a revista migrou de *site* e a rede de parceiros que a viabiliza foi redefinida. Também registramos com regozijo estarmos conseguindo cumprir, a despeito da fase de transição, a meta anunciada na edição anterior, publicada em junho de 2015, de ampliar o número de artigos veiculados, em função de novas diretrizes estabelecidas pelos órgãos de indexação. Da mesma forma, reafirmamos nossa intenção de quadrimestralizar a revista a partir de 2016.

A edição que se apresenta aos leitores, além de suas seções correntes, oferece o excelente dossiê *Expériences et Écritures de l'Espace au Québec et au Brésil*, comentado logo a seguir pelas organizadoras, a quem somos penhoradamente agradecidos. Justamente pela alta qualidade das submissões recebidas, a editoria da revista autorizou as editoras convidadas a excepcionalmente organizar o dossiê com onze contribuições, uma além do limite regimental estabelecido.

No seu conjunto, trata-se de um volume denso, bastante internacionalizado – com autores de grandes universidades do Canadá, da

França, do Brasil, da Argentina e da Irlanda – e com boa interlocução em torno das questões da geopoética, da geocrítica, dos espaços identitários, das comunidades marginais e das migrações – temas muito pertinentes na nossa conturbada atualidade.

A seção *Paisagens, patrimônios, legitimidades e educação nas Américas* conta com duas contribuições. O artigo *Latinoamericanos en el mosaico cultural canadiense*, da consagrada historiadora argentina Ofelia Scher, se propõe refletir sobre o processo migratório do Canadá que, junto à Argentina e aos Estados Unidos, no final do século XIX e início do XX, foi receptor de massivos movimentos populacionais, em especial, europeus. O texto leva em consideração o papel do Secretariado para o Multiculturalismo, que permitiu ao Canadá imprimir uma guinada particular mediante o respeito pelas identidades dos imigrantes, ambiente a partir do qual foi possível constituir um “mosaico cultural”, que chega até nossos dias. O texto ainda se detém na imigração latino-americana, sua composição, as circunstâncias nacionais que favoreceram sua partida e as condições internas, do país, que atuaram como receptoras, em diferentes momentos e circunstâncias. A autora diferencia os fluxos migratórios por razões econômicas e os produzidos por razões políticas, assim como as áreas de assentamento. A problemática dos refugiados políticos merece atenção, pois o Canadá assumiu nesse campo protagonismo internacional.

O artigo *Son ellos o nosotros. Los extranjeros en la trama discursiva: el caso del Parque Indoamericano*, do também argentino Nicolás Federico de Brea Dulcich, dialoga com excelência com o texto de Ofelia ao se debruçar sobre o caso dos sucessos havidos em dezembro de 2010 no Parque Indoamericano em Buenos Aires, como gancho para analisar as múltiplas narrativas midiáticas em torno do conceito de estrangeiro, que encerra, na opinião do autor, uma concepção restritiva de cidadania.

Ambos os textos estão em sinergia com a temática desenvolvida no dossiê.

Na seção *Resenhas e entrevistas*, Brigitte Thiérion se debruça atentamente sobre a obra organizada por Rita Olivieri-Godet, *L'Altérité amérindienne dans la fiction contemporaine des Amériques: Brésil, Argentine, Québec*. Laval: Presses Université de Laval – PUL/Institut Universitaire de France – IUF, 2015. Neste caso, fica evidente a sinergia com o dossiê, pois tanto a autora da resenha, quanto a organizadora do livro em foco irmanam-se na construção do mesmo. Normalmente, as resenhas publicadas nesta seção não excedem a cinco páginas, conforme recomenda o regulamento, mas como está na alçada da editoria avaliar casos específicos, entendeu-se que caberia aqui uma exceção em virtude da proximidade ao dossiê e em razão da profundidade com que a autora analisa esta importante obra, na qual se adota uma inovadora perspectiva transversal e pluridisciplinar para estudar as diversas modalidades de figuração da alteridade ameríndia na literatura contemporânea. A perspectiva comparada das narrativas sobre o sujeito ameríndio no Brasil, na Argentina e no Quebec é particularmente atraente aos propósitos deste periódico.

Gunter Axt, finalmente, apresenta e comenta o provocativo libelo do ensaísta e militante anarco-sindicalista quebequense Normand Baillargeon, *De que serve ser culto?*, que está sendo publicado no Brasil pela Editora Apicuri, do Rio de Janeiro. Numa época cada vez mais liquefeita pela aceleração da história, pela mundialização, pela fragmentação dos laços sociais, pela exacerbação do indivíduo narcísico, e pela diluição das grandes narrativas, ainda há espaço para o humanismo libertário dos iluministas? É em torno dessa questão que Baillargeon, segundo Axt, discute o papel da cultura geral e da educação na contemporaneidade.

Susan Hodgett, que preside atualmente o *International Council for Canadian Studies*, entidade sem fins lucrativos devotada desde 1981

a apoiar e a incentivar os estudos canadenses em todo mundo, descreve sucintamente o esforço de superação feito pelo ICCS desde a suspensão em 2012 dos programas que recebiam subsídios do governo do Canadá, nos acenando com perspectivas otimistas. O breve relato é de grande interesse a todos aqueles que se dedicam a estudar comparativamente o Canadá. A Revista *Interfaces*, da Abecan se sente muito honrada em contar com o reconhecimento e a colaboração do ICCS.

Os artigos reproduzidos neste número transitam com desenvoltura por áreas variadas, como a de Letras, a Literatura, as Artes, a Antropologia, a História e a Geografia, espelhando a dinâmica pluridisciplinar à qual a Revista *Interfaces* se propõe. Mais do que isto, são textos essencialmente interdisciplinares e que investem na perspectiva comparativa, o que está em perfeita sintonia com os cursos de pós-graduação que apoiam a publicação. A forte presença de autores vinculados a instituições estrangeiras no volume traduz o esforço da editoria da *Interfaces* no sentido da crescente internacionalização do periódico.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Gunter Axt, editor-chefe

Zilda Maria Gricolli Iokoi, editora assistente

Fábio Vergara Cerqueira, editor assistente

Monique Vandresen, editora especial de editoração e de impressão

Dossiê *Expériences et Écritures de l'Espace au Québec et au Brésil*

A coletânea de textos que segue é inspirada diretamente no colóquio *Expériences et écritures de l'espace au Québec et au Brésil*, ocorrido em maio de 2015, na Universidade do Quebec em Rimouski, no âmbito do 83º Congresso da ACFA — *Association Canadienne Française pour l'Avancement de la Science*. Os congressos da ACFAS têm constituído um dos foros privilegiados de encontros de professores e pesquisadores do Brasil e do Quebec, impulsionando não apenas os estudos comparados entre suas produções culturais (com ênfase na literatura e no cinema), mas proporcionando igualmente debates profícuos sobre questões cruciais das Américas.

O objetivo do colóquio de 2015 foi formulado em torno da importância do *espaço* nas produções culturais investigadas, buscando a identificação de imaginários espaciais específicos como a Amazônia e o sertão brasileiros e o norte quebequense, territórios urbanos (micro-espacos prisionais, favelas e bairros periféricos) e limítrofes (reservas autóctones). As reflexões se organizaram tomando como ponto de partida dois núcleos teóricos que embasaram a maioria das intervenções: 1. A perspectiva geopoética que privilegia a encenação de trajetórias erráticas, se apoiando em uma gramática do cosmos e em figurações de espaços ilimitados; 2. a perspectiva geocrítica que explora as relações entre uma « geografia do real » e uma « geografia do imaginário ».

André Carpentier, em *Pratique géopoétique du territoire : habiter un quartier* encarna a dupla personalidade de escritor e de cidadão para problematizar as relações orgânicas entre território e bairro através de um ato simples, o de « habitar ». Com efeito, não é « morando » que uma atitude geopoética pode se delinear dotando o bairro (conceito territorial privilegiado na Sociologia, Urbanismo, Geografia, Arquitetura

e História) de pensamentos líricos imaginados em uma travessia flanante (de *flâneur*)? Sem querer apresentar elaborações teóricas avançadas sobre a geopoética, o escritor abre esta coletânea preferindo apresentar um testemunho vivo de sua experiência particular na construção de um território imaginário, na idade adulta, a partir do território físico onde passou sua primeira infância, Hochelaga-Maisonneuve. Krystel Bertrand continua discorrendo sobre a configuração deste bairro, em *Errance et écriture : L'expérience géopoétique du recueil **Homa Sweet Home** de Patrick Lafontaine*, trazendo reflexões inéditas sobre as transformações do território físico e cultural. O sujeito poético de Lafontaine revela os problemas de desigualdade social aí presentes, onde erram moradores pobres, tentados pelo consumo das drogas e o comércio do sexo. São, entretanto, habitantes do território *Homa*, uma de suas designações, dedicando-lhe a afetividade necessária para livrá-lo de uma invasão imobiliária rápida e predatória.

Licia Soares de Souza trata de representações de Montreal, que se torna cada vez mais um lugar de escrita na literatura quebequense contemporânea, segundo a autora. Em *Figures spatiales de Montréal dans une perspective de géopoétique urbaine*, a cidade é vista como um espaço físico e palpável com seus limites geográficos. Mas, o discurso fictício dá conta de um território citadino capaz de pôr em relação lugares variados de formações culturais, de tal forma que a perspectiva geopoética se encontra articulada por um confronto entre figuras espaciais distintas da cidade: O *espaço-fronteira*, Montreal de longas viagens, (*Le souffle de l'Harmattan*, 2001); O *espaço-dobradiça*, Montreal dos migrantes e das gangues de rua, (*Côte-des-nègres*, 2003); o *espaço-gavetas*, Montreal dos itinerantes, sem-teto, invasores, (*Squeegie*, 2003); Montreal da contra-cultura e das vanguardas artísticas (*Vamp*, 2004) e Montreal dos suicidas em série (*Paradis. La clef en main*, 2009).

Em *Espaces à occuper*, André Girard nos brinda com um texto original que mostra a formação de uma *Escola da UQAM*, responsável pelas representações dos espaços das diferentes regiões do Quebec, que nunca foram tão privilegiadas na literatura quebequense. Foi o *Département d'Études Littéraires da Université du Québec à Montréal*, notadamente em torno da sala de Jacques Allard, que deu início a uma deliciosa revolução literária levando jovens autores a situar seus personagens nos confins das paisagens regionais. A *Union des écrivaines et des écrivains québécois – UNEQ* não tem cessado de valorizar as tendências da Escola da UQAM.

Louis Hamelin et la tradition américaine du « Nature Writing » de Jean Morency, demonstra uma filiação do romancista quebequense à tradição americana do *nature writing* inaugurada por Henry David Thoreau. No entanto, o romance *La rage* não põe em relevo a conquista de grandes espaços naturais, nem valoriza os grandes deslocamentos como o clássico *Volkswagen blues* de Jacques Poulin. É um romance que causou muito impacto nos anos 1980, por seu aspecto reivindicativo, numa época em que se falava do desengajamento dos escritores para com as causas sociais. Hamelin criou um emblema para uma nova geração nascida em torno dos anos 1960, ao pôr em cena um personagem deambulando na região Basses-Laurentides, na proximidade do aeroporto Mirabel, símbolo de expropriação e alienação da comunidade quebequense. Hamelin criou uma nova forma de se abordar e de se escrever sobre uma natureza transformada, torturada pelo homem, espaço também do campo semântico da americanidade.

Em *Expérience poétique du grand fleuve : le Saint Laurent de Pierre Perrault, en marche vers l'identité*, Brigitte Thiérion utiliza as perspectivas teóricas da geopoética e da geocrítica para analisar as representações do emblemático rio de construção de espaço americano,

o rio São Lourenço (Saint-Laurent). É a obra de Pierre Perrault, cineasta, poeta e dramaturgo, engajado com questões mundiais, e, ao mesmo tempo, envolvido com os debates da identidade nacional quebequense que inspira a autora. Esta apresenta pistas para uma pesquisa mais ampla visando relações míticas e identitárias na representação de « grandes rios » em narrativas de populações do espaço americano quebequense e brasileiro. Já Rita Olivieri-Godet, em *Figurations des espaces amérindiens dans les littératures du Brésil et du Québec*, aborda a configuração do espaço americano, evocando inicialmente, de forma sucinta, figurações dos espaços ameríndios nas literaturas contemporâneas brasileira e quebequense. Em seguida, examina o romance *Mad Maria*, do escritor brasileiro Márcio Souza. Neste romance, o autor revisita a história da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, no início do século XX, no oeste da Amazônia brasileira, com uma crítica feroz à ideologia do progresso que marginaliza e desestrutura os ameríndios.

Em *Migration, altérité et espace dans l'œuvre d'Abla Farhoud et de Salim Miguel*, Luciana Wrege Rassier propõe refletir sobre as relações entre migração, alteridade e espaço nos romances *Le bonheur a la queue glissante* (1998) da autora líbano-quebequense Abla Farhoud e *Nur na escuridão* (1999) do escritor líbano-brasileiro Salim Miguel. A análise comparada aborda, ao mesmo tempo, a experiência que os personagens têm do espaço e sobre o espaço, como elemento integrante da construção de um texto literário, com metatextos significativos da especificidade da ficção americana.

Claudio Novaes, em *Sertão-Quebec: geopoética cinematográfica na obra de Glauber Rocha e Pierre Perrault*, analisa os discursos geopoéticos da cinematografia moderna na política dos autores divulgada na revista *Cahiers du Cinéma*. Examinando as características dos cinemas novos e os desdobramentos ideológicos do cinema clássico nas obras de Glauber

Rocha e Pierre Perrault, o autor observa os deslocamentos imaginários das sociedades pós-coloniais, a partir dos anos 1950 e 1960 que modificaram a visibilidade tradicional sobre os territórios de identidades das nações periféricas na indústria cultural.

Un regard « géocritique » sur la ville de Recife, entre littérature et cinéma, de Alberto da Silva, percorre um romance de Raimundo Carrero (*Minha alma é irmã de Deus*) e um filme de Cláudio Assis (*Amarelo Manga*), observando como uma nova geração representa Recife, capital do estado de Pernambuco. Segundo o autor, o texto aborda menos uma análise tradicional sobre as relações entre literatura e cinema do que uma proposta de cruzamento dos pontos de vista sobre a cidade em uma perspectiva geocrítica; uma ferramenta privilegiada para a compreensão do crescimento econômico do país contemporâneo permitindo transformações fundamentais nos espaços urbanos. O último texto, de Guillaume Lemire, *Réflexion du territoire excentré dans le cinéma québécois contemporain*, retoma o cinema quebequense, e a tendência de Pierre Perrault, entre outros, mostrando como esta constituiu, durante toda a primeira metade do século XX, uma « ruralidade » considerada muito tempo um vetor importante de uma consciência territorial. Entretanto, os cineastas contemporâneos foram abandonando todo interesse pela vastidão dos espaços habitados do Quebec, em uma atitude incompreensível no presente momento. Muitas questões circulam acerca desse declínio da representação do espaço rural, que está a exigir um estudo mais aprofundado. Aguardando respostas mais precisas, Lemire continua a examinar a encenação de um *espaço excentrado*, entendido como parte de um território longe do urbano com sua periferia.

Diante do exposto, e rememorando o quanto temos trabalhado junto à Associação Internacional de Estudos Quebequenses, a AIEQ (inclusive abrigando a Assembleia Geral da AIEQ, em nossos colóquios da ACFAS),

e voltando às reflexões de André Girard sobre a formação da Escola da UQAM, somos tentados a nutrir um sentimento ambicioso. Seria justo pensar na formação de um movimento cultural, enfatizando a literatura e o cinema, que alimentamos há mais de vinte anos, suscetível de se tornar uma Escola *Interfaces* Brasil/Quebec? Este seria um movimento apto a inscrever os encontros, seus produtos e resultados na história literária do Quebec.

Editoras convidadas

Brigitte Thiérion, *Université Sorbonne-Nouvelle-Paris 3*

Lícia Soares de Souza, Universidade Estadual da Bahia/*Université du*

Québec à Montréal

Rita Olivieri-Godet, *Université Rennes 2/Institut Universitaire de France*